

O ESPECTRO

NUMERO 41 — II ANNO — 1889

O conflicto do Porto

SEMANARIO POLITICO

PREÇO 10 RÉIS

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

LISBOA

6 mezes..... 260

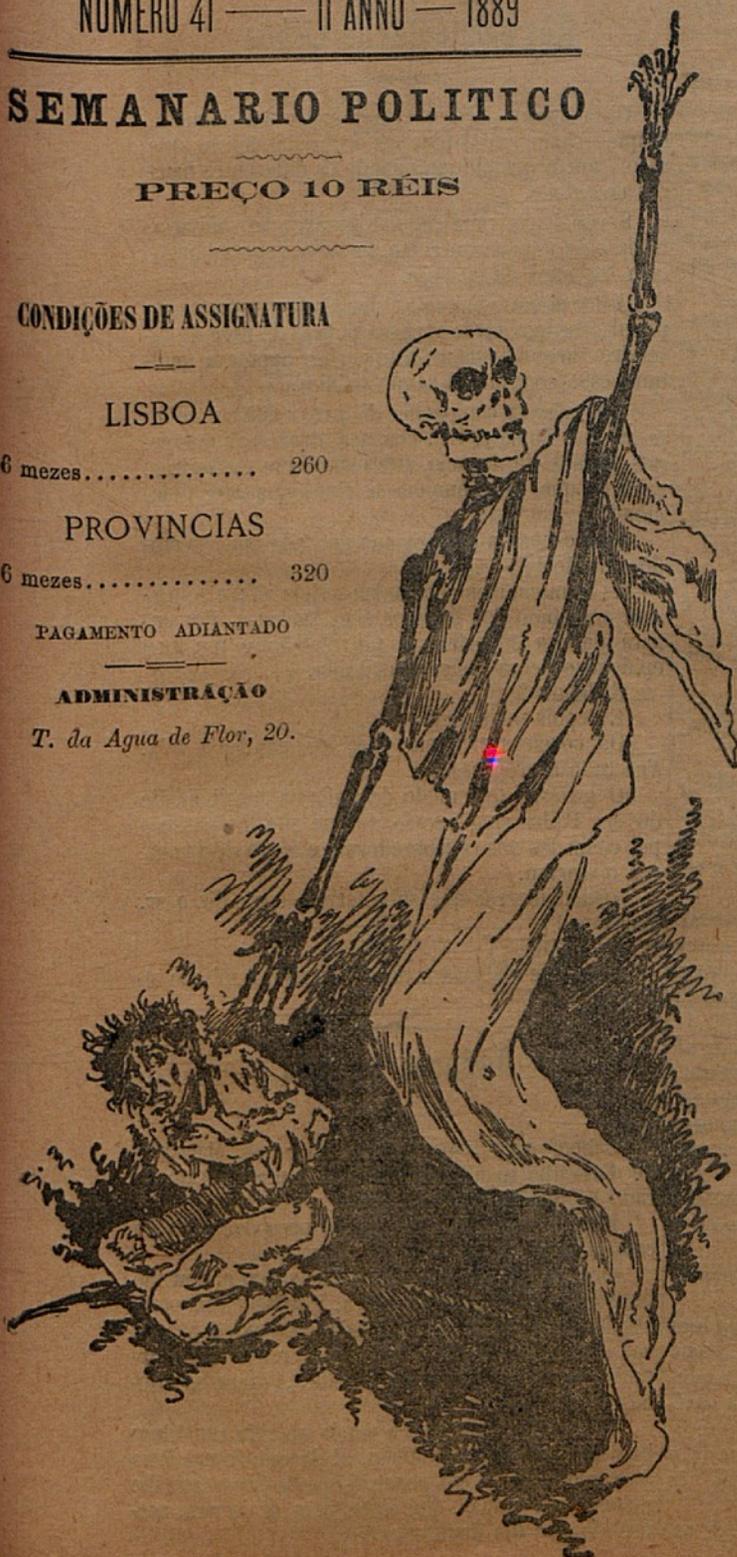
PROVINCIAS

6 mezes..... 320

PAGAMENTO ADIANTADO

ADMINISTRAÇÃO

T. da Agua de Flor, 20.



Indecoroso o Porto! Está o governo enganado se imagina que pode afrontar impunemente a gloriosa cidade.

Foi o Porto quem implantou n'esta terra a liberdade politica, que felizmente gosamos, é o Porto quem hade defender-nos dos inimigos, que maquinam contra as outras liberdades, não menos apreciadas.

As peias do absolutismo, que até o pensamento amarravam, comprehende-se que prendessem os interesses da industria e do commercio a companhias privilegiadas, a antigos monopolios, que concentravam na sua mão todos os poderes, que distribuiam pelos seus associados todas as riquezas.

Mas foi contra o regimen do privilegio que se levantou ha 100 annos a grande revolução franceza, cujo centenario deviam celebrar todos os povos, que a **tyrannia e o obscurantismo** querem levar por caminhos inversos ao direito e á justiça.

Foi no Porto que brilhou como pharol esplendente, a luz da liberdade politica, cujos raios se consubstanciaram na vida do commercio e da industria e no vigor de todas as suas manifestações e desenvolvimentos.

A voz d'aquella terra illustre por tantos titulos, tem por isso, como nenhuma, o direito ao respeito e consideração dos poderes publicos.

Seria duas vezes indigno averbar de **indecoroso** o procedimento do Porto.

Pois **ousou fazel-o** em pleno parlamento, o **presidente do conselho de ministros**, sem sentir o mais pequeno remorso, por tão insolita affronta.

Hade pagal-o. Aqui lh'o affirmamos, com a mesma certeza que lhe deu na camara o distincto parlamentar o sr. Lopo Vaz, quando por tres vezes lhe disse, aconselhando-o a retirar o vexatorio imposto da sellagem:

Hade ceder!

Hade ceder!

Hade ceder!

Quer o Porto saber como o sr. José Luciano fechou a serie de grosseiras invectivas, que em todo o seu vergonhoso discurso não cessou de dirigir aos corajosos portuenses?

Não retira a sellagem, não cede nem uma virgula do decreto, enquanto o Porto se não puser de joelhos ante a sua força e auctoridade politica.

Não cederá diz elle. **Não, não e não**, repetiu tres vezes, para contrapôr o seu inaudito proposito ás ultimas palavras do brilhantissimo discurso do sr. Lopo Vaz.

Ora o sr. Lopo Vaz conhece o Porto, e o sr. José Luciano despreza-o. E' a differença. E differença enorme, cujas consequencias o governo hade avaliar dentro em pouco.

Engana-se, se imagina que zomba impunemente da heroica cidade.

Ilude-o o sr. Marianno de Carvalho, fazendo-lhe acreditar que **mais irritante era a questão d'Arruda**, e o povo depois de barafustar uns dias, **soffreu e callou-se**.

Pois o Porto é a Arruda?

Pois a força d'aquella excelsa cidade póde lá comparar-se á da dos pobres arrudenses, tão despresados e escarnecidos pelos poderes publicos? E' inaudito.

Avance um pouco mais, sr. Marianno de Carvalho e mande perguntar aos hoteis, onde ficaram os representantes do commercio portuense, **se lhes não faltaram d'esta vez nem os pentes nem as escovas**.

A indignação é geral. De toda a parte surgem importantes adhesões ao movimento do Porto. As cidades mais importantes são todas contra o governo, clara e abertamente.

Entra isso já no ponto de honra do commercio. Não se trata de politica partidaria. Não somos nem por este nem por aquelle. Somos contra este governo nefasto aos interesses publicos e apostado em arruinar o commercio e a industria, livres, que elle considera, á maneira do sr. Pinto Coelho, **como dois ladrões**.

O seu plano é facil de conhecer: Ir atacando por todos os lados, aquelles dois grandes esteios do trabalho nacional.

D'aqui os successivos impostos, vexames, monopolios, syndicatos de todas as castas e feitos; e inclusivamente **pasquins** de descredito contra honrados commerciantes, uns mettidos a ridiculo, outros accusados de contrabandistas.

E' positivamente a loucura que precede os ultimos momentos d'esta **infamissima** politica.

Os dias do governo estão contados.

O mal estar que todos experimentam ao sentir as baforadas da audacia com que o miseravel quer fingir de valente, é apenas o cheiro da podridão que o invadiu, e que nenhum poder humano é capaz de chamar já á vida.

Morrerá esmagado pelo desprezo universal. Morrerá detestado de toda a gente que tem que perder, justamente receiosa de que os seus haveres lhe vão cair nas garras de alguma companhia privilegiada.

Morrerá atolado no lodaçal immundo, onde se revolve toda a casta de escandalos, de torpezas, de traficancias e crimes; desde a **pilhagem** dos **syndicatos**, até á provocação da guerra civil, quem sabe se d'este modo meditada e preparada.

O Porto comprehendeu já. E comprehendelo e executar o, são para aquelles valentes uma e a mesma coisa.

Ao seu braço robusto deve a patria a liberdade. Quiz e caiu a tyrannia.

Uma tyrannia não menos odiosa e esmagadora se ia levantando sem estorvos, e agarrando, como um polvo de enormes tentaculos, todas as riquezas do commercio e da agricultura, para as dividir pelos seus syndicatos.

O Porto olhava desconfiado, mas observava o governo, estudava-lhe os movimentos, queria vêr e crer.

Viu, convenceu-se. Está salva a nação. A at-

titude da briosa cidade é imponente! O movimento generalisou-se por todas as provincias.

Viva o Porto!

Viva o commercio livre!

Abaixo a sellagem!

Abaixo os syndicatos!

Abaixo o governo!

Aos habitantes de Lisboa

Dizia-se que Lisboa estava sobre um pantano, e que d'aqui provinham as avariadas febres que assolavam de quando em quando os differentes bairros da cidade.

Senão havia uma regular fiscalisação sanitaria, havia pelo menos um certo cuidado, especialmente com os canos de despejo.

A tal ponto o microbio dos typhos assustava a população, que raras vezes a policia deixava de intervir, immediatamente a imprensa apontava qualquer caso contrario á saude publica.

Pois a nova companhia do gaz, a filha predileta do sr. Palha & C.^a, chega a atravessar nos canos geraes de despejo, tubos de ferro de enorme calibre, que interrompem a passagem aos dejectos!

Que espera a camara que succeda em chegando o verão?

As immundicies accumular-se-hão ali; o solo ficará embebido dos liquidos sem saída; o calor puxará para a superficie a putrefacção e um foco epidemico ficará assim constituido.

E depois?

E depois mais nada.

Os coveiros tambem precisam ganhar a vida. Vae tudo á progressista.

O governo tem medo de bulir na sensibilidade do sr. Palha com receio de que elle lhe passe o pé, como fez aos regeneradores, e então deixa correr o marfim.

«Quem morrer que se enterre», como diz o sr. Marianno!!

Está dito.

Até onde chegará a tua tolerancia, ó misero alfacinha?

Agitação na raia

Sabem os nossos leitores que o sr. Marianno de Carvalho manda vender tabaco mais barato na raia, do que no centro do paiz.

Esta invenção diz elle que é para dar cabo do contrabando.

Ora nunca o contrabando do tabaco andou tão livre e desaforado como agora. Povoações ha onde senão fuma outra coisa. Mas a *endromina* passou nas cortes, como passa tudo, e o sr. Marianno arranjou mais uma fonte de receita... para os amigos.

Já se deixa ver que a venda na raia constituiu logo um soberbo monopolio. E de que força! Para deixar milionario em pouco tempo o *caica* que lhe deitasse as unhas. Foi este nem mais nem menos do que um deputado!!!

—Da maioria?!

—Pois quem esperavas tu que fosse, papalvo preopinante de perguntas tolas? N'outro tempo é que seria permittido fazer perguntas d'essas com assombro; mas hoje, homem de Deos! o que assombra, é quando das mãos do governo sae alguma coisa que não vá logo aproveitar a qualquer syndicato progressista, companhia progressista, ou monopolio progressista.

Foi pois um deputado progressista que apañou na raia o monopolio do tabaco para vender mais barato.

Aos pobres diabos que então negociavam licitamente n'aquelle ramo de commercio disse-lhes o monopolista que não perderiam, que ia fazer com elles um excellente contracto. E fez.

Foi o contracto das papas entre a cegonha e a raposa. As papas foram feitas n'uma almotolia da politica do sr. Marianno. A cegonha mettu-lhe o bico dentro e vae papando tudo e consentindo, por muito favor, que a pobre raposa vá lambendo o gargalo. Mas o sr. Marianno não calculou que a raposa podia atirar com a almotolia ao ar e escangalhar a maroteira. E' o que está succedendo em Moura, onde os interesses legitimos foram destruidos pelo desbragado monopolio que o sr. Marianno concedeo a um deputado. A agitação vae tomando proporções graves.

Os povos d'aquella circunscricção não podem ouvir fallar no governo, sem indignação.

A agitação vae-se tornando geral. A pilhagem tem os seus dias contados.

Segundo informações que temos o tal deputado da maioria já se acha delitado para com a administração da *Regie* na enorme importancia de **600\$000:000**, quando a sua fiança é apenas de **16:000\$000** de réis.

O que está acontecendo é enaudito, e pode dar em resultado um enorme desfalque n'este estabelecimento do Estado.

Fóra, ladrões!

A' ultima hora

Graves acontecimentos no Porto

São aterradoras as noticias que nos dá o nosso correspondente especial e segundo essas informações sabemos que os negociantes de tecidos e os proprietarios despediram perto de 10.000 pessoas que tinham empregadas nos seus estabelecimentos.

Os negociantes de vinhos tambem fecharam os seus estabelecimentos e despediram os seus empregados n'um numero superior a 5.000.

No Porto e em Villa Nova de Gaya estão fechados todos

os estabelecimentos, e os negociantes de Braga acompanharam os seus collegas do Porto mandando fechar os seus estabelecimentos.

O estado de exaltação em que se encontra todo o paiz é medonho.

As tristissimas circumstancias em que se vêem 15.000 operarios e empregados despedidos dos estabelecimentos commerciaes, podem dar logar a uma serie de desgraças, que bem tristes consequencias podem resultar ás instituições.

O Norte subleva-se e com razão contra as prepotencias do governo, que tem vivido do suborno, da crapula e do roubo.

Temos o commercio e a industria, as duas principaes riquezas do paiz reagindo e protestando contra os desmandos do governo.

Temos 15.000 pessoas sem meios com que se sustentem, e que terão que roubar não para sustentar as concubinas, mas para alimentar os filhos e as esposas, que pedem pão para matar a fome.

É doloroso o estado em que temos a primeira cidade do reino, e serão fataes as consequencias que resultam da teimosia do governo.

Precisamos fallar claro ao Rei, precisamos fallar-lhe com aquella independencia que tanto nos tem caracterizado, e portanto ousamos dizer-lhe:

SENHOR

É urgente que Vossa Magestade ponha cobro por uma vez aos desmandos d'esses homens que envergonham o paiz e perdem as instituições fazendo pesar sobre o vosso manto real as enormes responsabilidades que derivam das prepotencias que praticam. E' necessario que attendeis ás exigencias justas do paiz que pede moralidade no poder, de 15:000 individuos que pedem trabalho, de negociantes respeitaveis que pedem a revogação de leis vexatorias e iniquas.

Acreditaes Senhor que a cambada que vós sustentaes no poder com a vossa bondade, resolveu arruinar o paiz e desauthorisar-nos no conceito do povo, e não é conveniente que Vós Senhor continueis a dar a vossa confiança a essa sucia de bandidos que se apoderaram dos conselhos da corôa por meio da calunnia e do roubo.

Senhor, o paiz exige a sahida immediata do governo dos conselhos da corôa e não é conveniente para vós o não attenderdes o pedido que vos é feito por quem tem força e prestigio para sustentar a monarchia, e patriotismo para defender os interesses sagrados da nação.

Um requerimento ao sr. Fernando Palha, ainda presidente da camara municipal de Lisboa

—*(300)*—

—Senhor Fernando Palha, queira descalçar a luva de pellica bronzada de 1.^a qualidade. Se lhe parecer tire tambem a gravata de setim *grisperle* de baguetes dourados, que traz sobre o peitilho de bretanha de linho que a sua engomadeira lhe pule com arte tão requintada. Se achar de mais os seus sapatos ponteados, de fino polimento e as meias de fio de seda leoneza, não tem mais do que tirar tudo isto e substituil-o por trajo e calção apropriados. Inclusive, sr. Fernando Palha, ponha-se em mangas de camisa. E' talvez como estava melhor para o caso. Assim mesmo. Agora queira ter a bondade de pegar n'um bom **cacete** e descer á rua d'esta sua burgueza, immunda e apalermada cidade, que mais parece uma terra de sementeira, revolvida pela charrua, do que a capital d'um pais civilisado.

Repare bem para os pobres diabos que vae encontrando.

Se os vir de chapeirão de abas largas, face rosada e braço carnudo, é algum *leão dos campos* que por cá ficou, para ver que cultura destinavam ás ruas da cidade.

Não lhe bula, que não é para graças.

Afóra estes, tudo quanto desfilar ante o seu sorriso de desprezo, é alfacinha puro.

Sr. Palha, faça-nos esta fineza: *raspe* do *cassete* e ponha-lhe os ossos n'um feixe. A todos e que não escape um unico.

Não tenha receio dos alfacinhas, sr. Palha. Lembre-se que a alfaca é a comida dos grillos. Os alfacinhas não são grillos, é verdade, mas se não tem sangue de grillo nas veias, é porque preferem sangue de barata. Dê para baixo: dê á má cara. Palavra de honra que as que caem no chão são as que se perdem.

Emquanto o cacete estiver inteiro, não lhe poupe os ossos; que estes perros só a cacete vão como merecem.

Não é v. ex.^a dono de Lisboa?

Não lhe pertencem, como cães, estes pandilhas que por ahí ladram?

Não estão elles mostrando ante as bellezas da sua administração, que não teem vergonha nem brio?

Pois metta-lhe estes sentimentos a pau. Porque eu lhe conto, sr. Palha, se v. ex.^a e os seus dignos consocios transportassem para qualquer municipio menos *civilisado* que Lisboa, as brilhantes regras da sua administração; se pusesse as ruas d'um municipio sertanejo no estado em que a sua illustração traz as da côrte, sabe o que tinha succedido? Uma coisa muito simples. Os sertanejos agarravam cada qual no seu varapau, caminhavam direitinhos como um fuso aos paços do conselho, e emquanto houvesse *Edis* que deitar pelas janellas fóra, pôde v. ex.^a ter a certeza que aquellas almas do diabo não quereriam outro divertimento.

Mas como v. ex.^a está em Lisboa, pôde mudar o signal á operação: em vez de saltar pela janella fora, faça-os saltar a elles pelas ruas a **pau**.

Palavra de honra que nunca as suas mimosas mãos terão feito obra mais meritoria.

E. R. M.

Cidade da Palha e outras coisas peiores, aos 24 do mez do **grande syndicato vinicola central**, que é por emquanto o ultimo, salvo o erro.

A Redacção do *Espectro*.

Um parvo e a celebre escriptura dos trinta contos de réis

(Continuado do n.^o anterior)

E pelos primeiros outorgantes Dr. João Gualberto de Barros e Cunha e Antonio Manuel Pereira Caldas, foi dito na presença das testemunhas no fim designadas:

Que desejando manifestar o seu reconhecimento para com a povoação de Monchique que se obrigam pela presente escriptura a entrar na Caixa Geral de Depositos com a quantia de trinta contos de réis com o fim de ser creado pela Santa Casa da Misericordia d'esta villa, um Monte-Pio para as classes operarias e artisticas, e para beneficiar o hospital a cargo da mesma Santa Casa da Misericordia, e outras obras de beneficencia que a Mesa do mesmo estabelecimento entender que devem ser feitas.—Que esta obrigação sómente a tomam no caso não esperado, de no praso de quarenta dias, a contar da approvação da eleição de deputados a que vae proceder-se no dia seis do proximo mez de março, não se ter inaugurado o já decretado julgado municipal de Monchique, pois que se dentro d'este praso for inaugurado o dito julgado, que pela povoação é considerado como um grande beneficio publico, ficarão os primeiros outorgantes dispensados da obrigação que contraem pela primeira parte d'esta escriptura (deposito dos trinta contos) sem que por isso deixem ao seu alvedrio o beneficiar este estabelecimento ou outro qualquer, com qualquer esmola.

E logo pelo segundo outorgante José dos Reis Callapez como representante da Santa Casa de Misericordia, foi que acceitava esta escriptura nos termos expostos, auctorizado como está para o fazer.

Em seguida foi-me apresentada uma estampilha de quinhent's réis que vou collocar e inutilisar no fim d'esta escriptura.

Assim o outorgaram ante as testemunhas o Reverendo Prior Sebastião Gregorio Guerreiro Galvão, d'esta villa e Antonio Guerreiro e Brito, casado, proprietario e Francisco do Carmo, casado, proprietario, e José Raphael Pinto, casado, amanuense da camara, tambem d'esta villa, que assignaram com os outorgantes, depois d'esta ser lida por mim Bernardo M. Judice Costa, Tabellião que a escrevi.

EM ADDITAMENTO.—Declararam mais as partes que estas obrigações a que ficam ligadas por esta escriptura caducarão, se por ventura o actual governo cair antes de findar o praso estipulado para o cumprimento das mesmas obrigações. Eu Bernardo M. Judice Costa, Tabellião de notas que o escrevi.—Seguem-se as assignaturas.